

A Poesia Digital



Rogel Samuel



Jorge Luiz Antonio é brasileiro, poeta, escritor, pesquisador, professor universitário, formado em Letras (Português e Inglês), especialista em Literatura (COGEAE / PUC SP), Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC SP), autor de *Almeida Júnior através dos tempos* (1983), *Cores, forma, luz, movimento: a poesia de Cesário Verde* (2002), *Ciência, Arte e Metáfora na Poesia de Augusto dos Anjos* (2004), além de artigos em revistas impressas e eletrônicas, nacionais e internacionais.

Recentemente defendeu a tese «Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais», tese de doutorado, na PUC SÃO PAULO. Ele é um pesquisador de uma área nova da poesia, sob o enfoque da Comunicação e da Semiótica, e autor de vários trabalhos em Poéticas Contemporâneas, com colaborações no exterior. Por isso resolvemos entrevistá-lo:



RS - QUE PONTOS VOCÊ SALIENTARIA COMO PRINCIPAIS NA SUA TESE: « Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais»?

JLA – Os pontos principais tomam duas direções: um estudo teórico e uma perspectiva histórica. Os quatro capítulos procuram focar um percurso das negociações semióticas da poesia com a tecnologia sob o ponto de vista teórico (capítulo 1), com a ciência e a tecnologia numa perspectiva histórica (capítulo 2), com os processos digitais (capítulo 3), e com o(s) computador(es), baseado em exemplos comentados (capítulo 4).

Trata-se de uma poesia que existe nos meios eletrônico-digitais, é interativa, usa os recursos do hipertexto eletrônico e da hipermídia. Na página 133 da tese, conceituei-a como um tipo de poesia contemporânea – formada de palavras, imagens, sons e animação, que constituem um texto eletrônico – que se realiza no espaço simbólico do computador, da Internet e da web, tendo

como forma de comunicação poética os meios eletrônico-digitais que se vinculam a esses componentes. De um modo geral, ela existe apenas nesse meio e só se expressa, em sua plenitude, através dele.

RS - QUAL O FOCO DO SEU TRABALHO SOBRE A «POESIA ELETRÔNICA»?

JLA – *Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais* é o estudo das negociações semióticas da poesia com as tecnologias computacionais - mediação, intervenção e transmutação -, com o objetivo de apresentar conceitos e exemplos de uma poesia - composta de palavra, imagem estática e animada, som, hipertextualidade e interatividade, formatada pela linguagem de programação do(s) computador(es) -, que vem se desenvolvendo nos meios digitais desde a segunda metade do século XX.

RS - COMO VOCÊ RELACIONA POESIA E TECNOLOGIA?

JLA – Se pensarmos em tecnologia como ciência aplicada, o poeta faz negociações semióticas com a tecnologia há muito tempo. Foi o que apresentei, com teoria e exemplos, em "Poesia, ciência e tecnologia: esboço histórico", capítulo 2.

Dias atrás, enquanto lia *O Livro de Ouro da Comunicação*, de Silvana Gontijo, encontrei um pequeno verso sobre o telégrafo, publicado no *Diário de Notícias* de 13 de outubro de 1886:

É notável, hoje em dia,
o progresso que tem feito
a grande telegraphia.
Pergunta qualquer sujeito
Com Buenos Ayres ligado:
Como va usted?
- Muito bem, muito obrigado,
respondem por desafogo.

O surgimento das tecnologias traz, primeiro, um novo conceito e um vocabulário ao poeta, cujo exemplo modesto pode ser o poema acima. O convívio com o novo oferece recursos expressivos e comunicacionais que podem se incorporar ao fazer poético. Além da incorporação do novo vocabulário e da metáfora, alguns poetas irão intervir nas linguagens tecnológicas para fazer poesia com elas. Dentre as novas tecnologias, está o computador e todos os recursos que ele oferece como máquina e como linguagem.

Os poetas contemporâneos, mesmo aqueles que optaram pelo meio impresso, já dialogam com as linguagens tecnológicas do seu tempo, às vezes sem se dar conta disso. Tenho observado isso, mas ainda não foi possível fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Nós vivemos com a tecnologia e, de certa forma, precisamos dela para sobreviver na sociedade contemporânea. O tecnopólio, aquele conceito bem explicado por Neil Postman, em *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*, precisa ser enfrentado.

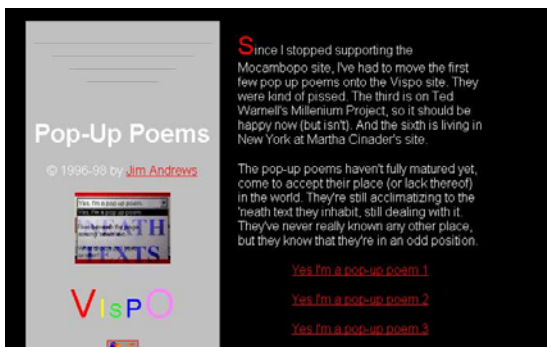
Um exemplo disso é o poema visual abaixo, de Avelino de Araújo



que questiona a tecnologia a partir da sua própria linguagem, o código de barras.

Assim como a poesia defendeu idéias revolucionárias, buscou justiça social, o poeta contemporâneo precisa transgredir essa tecnologia e transformá-la em algo não utilitário, algo estético.

Outro exemplo é “Pop Up Poems” de Jim Andrews - <http://vispo.com/popups/popups.htm> :



A “pop up”, que, em web design, é um recurso para permitir abrir janelas ao longo de um texto, economizando tempo e facilitando consultas, aqui se antropomorfiza e reage com as injustiças que vem sofrendo no meio eletrônico.

RS - POR QUE «POESIA ELETRÔNICA»?

JLA – *Poesia eletrônica* é um dos muitos nomes para esse tipo particular de poesia. Listei muitos deles ao longo da pesquisa e acabei concluindo que não é possível encontrar uma única denominação geral, como se fosse um gênero literário. Há nomes que passam a ser usados com mais frequência, outros que se tornam populares, outros que caracterizam apenas um determinado tipo de tecnologia.

Ciberpoesia é um termo que permaneceu, porque *cibercultura* vem sendo usado correntemente. Ninguém mais fala em *texto estocástico*, como disse Theo Lutz em 1959, ou *poesia artificial cibernética*, conforme conceito de Max Bense de 1962.

O termo *poesia digital* parece ser o mais popular. Caterina Davínio, em seu livro de 2002, usou e divulgou *tecnopoesia*, termo já conceituado por Chris Funkhouser em 1994.

Na tese, em junho de 2005, listei setenta termos, hoje estou com oitenta.

O adjetivo *eletrônica* qualifica *poesia* e aponta para um determinada fatura poética que deixa de utilizar o meio impresso. O mesmo podemos dizer de *digital* ou de qualquer outro prefixo que modifica o radical, como *ciberpoesia*, *infopoesia*, *eletropoesia*.

Na tese, dediquei o capítulo "Poesia eletrônica" ao mapeamento do que vem sendo estudado como poesia eletrônica (estado de arte), um esboço histórico desde 1959, e o registro das denominações que vêm sendo atribuídas a esse fazer poético. O resultado final desse estudo foi a opção pelo termo "poesia eletrônica", como uma denominação geral mais aceita pela maioria dos estudiosos, e que é nome de três edições de um festival, o E-Poetry, dos EUA.

RS - E A INTERNET?

JLA - Embora utilizando uma denominação geral como poesia eletrônica, e correndo o risco de enquadrar nessa classificação geral a videopoesia, poesia sonora, holopoesia, poesia em videotexto e poesia em painel eletrônico, manifestações poéticas que não usaram inicialmente e/somente o computador, meu enfoque foi o das negociações semióticas da poesia com o(s) computador(es), ou seja, o computador isolado ou ligado a outro em rede local e/ou internacional.

Então, temos três pontos a considerar: a poesia e o computador; a poesia e a Internet; e a poesia e a web. Ou seja, poesia e computador(es).

Há uma experimentação poética com os computadores isoladamente, nos primeiros tempos, uma espécie de adaptação da poesia na linguagem do computador, ou mesmo, uma migração da poesia então existente no meio impresso para o meio computacional. Grande parte desse tipo de poesia foi apresentada de forma impressa, pois os computadores imprimiam relatórios das programações feitas.

A Internet possibilitou um maior intercâmbio entre os poetas. Já havia o contato via correspondências postais, telegramas e telefonemas, além do contato pessoal. A Internet trouxe o intercâmbio de muitos para muitos. Muitas experimentações vêm surgindo dessa convivência com as correspondências eletrônicas, os e-mails.

O desenvolvimento da WWW (World Wide Web) ou web, a partir de 1989, permitiu a possibilidade de termos um arquivo universal espalhado por muitos computadores, os servidores.

Com essas duas tecnologias, surgem os editores de textos e de imagens, que facilitam a expressão da poética contemporânea nesses meios eletrônicos. O conceito de hipertexto, concebido por Ted Nelson a partir de 1960, permitiu que outros estudiosos - como Roland Barthes em *S/Z*, George P. Landow em *Hypertext 2.0: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*, Jay David Bolter em *Writing Space: The Computer, Hypertext and the History of Writing*, por exemplo - pudessem estabelecer paralelos com uma intertextualidade (Julia Kristeva) e hipertextualidade anterior ao surgimento das novas tecnologias, mas que tomava novos rumos com o surgimento dos meios eletrônicos e do computador.

O surgimento da multimídia e da hipermídia permitiu que o ciberespaço abrigasse experimentações poéticas semelhantes às realizadas a partir da década de 70, a "poesia total", exemplificada pela poesia tridimensional (instalação poética, performance poética, poema-objeto, etc.).

A poesia hipertextual, antes composta apenas de textos, vai se tornando a poesia hipermídia.

Assim, foi possível observar procedimentos da poesia com as tecnologias, de um modo geral, e com as tecnologias computacionais, em particular - esse foi o meu ponto de vista na tese. Esse panorama ofereceu os procedimentos mais significativos das atividades individuais de poetas, de grupos de poetas, de exposições de poesia eletrônica e de comunidades reais e virtuais que agregam os poetas eletrônicos, o que nos permite afirmar a existência de um movimento internacional descentralizado, sem manifestos coletivos e em desenvolvimento constante.

* * *

RS - VOCÊ PODE FAZER UM RESUMO DO SEU PERCURSO DE ESTUDOS?

JLA - É claro. A paixão pela poesia e pelos estudos me acompanha desde a juventude. Na biblioteca de minha escola, li um texto de Massaud Moisés que tratava de crítica literária. Era um pequeno livro que comparava o crítico com o poeta. Fiquei muito entusiasmado com o assunto e quis fazer algo semelhante. Passou muito tempo e acho que esse desejo foi se realizando de forma não muito programada. Naquele tempo, influenciado pelos poetas modernistas que lia avidamente (Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Fernando Pessoa, etc.), eu procurava fazer poesia com o conhecimento científico, numa espécie de desafio entre as áreas de conhecimento. Eram poemas simples, metaforizando a célula, alguma invenção científica, um aspecto da Geometria, etc.

Muito tempo depois, descobri que o Augusto dos Anjos fez isso, e muito bem, no livro *Eu* (1912). Mesmo sem ter muito conhecimento do que passava ao meu redor na época (morar numa cidade do interior, como Itu, nos deixa um pouco alienados), fazia algumas poesias com imagens. Esse material ficou em arquivo, porque os jornais da minha cidade não tinham recursos para compor com alguma liberdade e nem os gráficos desses jornais eram criativos, como os profissionais que publicaram a obra de Stéphane Mallarmé ou Guillaume Apollinaire, por exemplo, muito antes, no início do século XX.

Quando apresentei meu primeiro poema a um professor de Português, ele começou a ler o poema em voz alta e parou a leitura indicando os erros. Levantei-me e peguei o texto de volta. Depois disso, mostrava o poema dizendo que era do meu primo de Sorocaba, assim fui obtendo comentários positivos e negativos.

Na faculdade, um professor sugeriu a produção de trabalhos na linha das aulas dele e eu acabei estudando as relações entre arte e sociedade. Foi minha primeira pesquisa razoavelmente aprofundada. Fui inspirado por *Literatura e sociedade*, de Antonio Candido.

Quando trabalhei no Banco Mercantil de São Paulo, um chefe ameaçou me demitir, porque pedi alguns impressos coloridos (as partidas contábeis) para fazer poemas com eles.

Para participar de um concurso de monografias, dediquei-me ao estudo da pintura do século XIX e publiquei *Almeida Júnior através dos tempos* (1983). Esse tempo de pesquisa foi muito proveitoso para aprender a organizar o grande volume de material coletado, fazer uma crítica da documentação e para apreciar história da arte através dos livros e dos amigos historiadores que me ensinaram muito.

Depois de um tempo como professor de Literatura e Redação em escolas de ensino médio, época em que aprendi muito sobre literatura, porque precisava saber como transmiti-la aos alunos, fui fazer lato sensu na PUC SP COGEAE (1995-1996). Foi um tempo de muita aprendizagem e de muitas novidades. Ali conheci bem a poesia visual, tive os primeiros contatos com a poesia digital e encontrei professores e poetas que me estimularam a continuar esses estudos: E. M. de Melo e Castro, Irene de Araújo Machado, Omar Khouri, Maria Rosa Duarte de Oliveira, Fernando Segolim e Philadelpho Menezes (1960-2000). Desse tempo, saiu o livro *Ciência, arte e metáfora na poesia de Augusto dos Anjos* (2004).

No mestrado, dediquei-me às relações entre poesia e pintura, o que resultou em *Cores, forma, luz, movimento: a poesia de Cesário Verde* (2002). Djalma Luiz Benette, amigo e colega de classe da PUC SP, entrevistou-me no *Jornal Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba: www.jcsol.com.br/2003/04/20/20B201.php. Foi durante esse tempo, em 1997, que fiz o Curso de Infopoesia e Poesia Sonora, com o Prof. E. M. de Melo e Castro, que me incentivou a pesquisar sobre poesia eletrônica. A "visualidade" da poesia de Cesário Verde me levou à visualidade da

infopoesia, pois o curso experimental de Melo e Castro me fez estudar e experimentar a relação da palavra e da imagem digital por meio do computador.

O doutorado teve início em março de 2000 e foi concluído em junho de 2005. Antes da tese, surgiram alguns artigos que indicam o percurso dessa pesquisa:

Um conceito de infopoesia – 2000: www.cap.eca.usp.br/wawrwt/poesia.html

Os gêneros da poesia digital – 2001: www.geocities.com/rogelsamuel/poesiadigital2.html

Considerações sobre a poesia digital – abr. 2001:
www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_3.htm

As traduções da poesia digital – 2002 – *Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura*, São Paulo, ano 2, nº 2, p. 67-80

Digital Poetry – fev. 2003: http://slope.org/archive/issue17/antonio_essay.html

A criação contemporânea e a poesia digital – jul./dez. 2003 - *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, v.7, nº 2, p. 95-111

Resenhas de obras criativas e teóricas individuais e coletivas:

Philadelpho Menezes e Wilton Azevedo:
www.com.washington.edu/rccs/bookinfo.asp?ReviewID=124&BookID=108,

Regina Célia Pinto: <http://members.tripod.com/~lfilipe/branco.html>,

Ana Maria Uribe, Avelino de Araújo,

Caterina Davinio:
<http://www.com.washington.edu/rccs/bookinfo.asp?ReviewID=287&BookID=240>,

Visible Language: www.uff.br/mestcii/jorge1.htm

Algumas entrevistas:

Ana Maria Uribe: www.vispo.com/uribe/interview/,

Entrevista com Chris Funkhouser – jul. 2004 – *Concinnitas: Revista do Instituto de Artes da UERJ*, Rio de Janeiro, nº 6, p. 68-81.

Marcelo Frazão, Rodolfo Franco.

As amizades feitas durante o doutorado são inúmeras e abrangem vários países. A lista de agradecimentos, na tese, compreende três páginas. Venho divulgando os poetas da melhor forma que posso e a Internet tem sido um meio de comunicação eletrônica especialmente para fazer amigos. Durante a defesa, a Profa. Lucia Leão carinhosamente falou de minha vocação para a web e do meu cibercharisma. Isso tem sido muito gratificante.

Dentre as alegrias que essa pesquisa me proporcionou, destaco a aceitação do módulo on line sobre Poéticas Contemporâneas, que ministrei no primeiro semestre de 2005, no Curso de Pós-Graduação em Arte Integrativa, sob a coordenação da Profa. Alexa Leirner, na Universidade Anhembi Morumbi. Eu tratei das poéticas da vanguarda, da visualidade e da tridimensionalidade, da sonoridade e da performance, dos meios eletrônicos e do(s) computador(es).

* * *

RS - Para entender a originalidade dessas pesquisas, saliento «Ciência, arte e metáfora na poesia de Augusto dos Anjos» e o grupo de pesquisa "Estudos da Poética: Interconexões diacrônico-sincrônicas na poesia brasileira e portuguesa" PUC SP.

JLA - Você se referiu a duas atividades de dois tempos de estudos: o primeiro foi em 1995/1996, e o segundo iniciado a partir de abril de 2005. Entre ambos, encontram-se as minhas recentes participações como pesquisador no NUPILL - Núcleo de Pesquisa em Informática e Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, a partir de outubro de 2003, a convite do Prof. Alckmar Luiz dos Santos, e em *Hermeneia - Estudios Literaris i Technologies Digitals*, da Universitat Oberta de Catalunya, Barcelona, Espanha, desde dezembro de 2004, graças à indicação do Prof. Joan Elies Adell Pitarch, que conheci no 2º Colóquio Internacional de Poesia, em Feira de Santana, Bahia, em 2003.

Os grupos de estudos são muito significativos, pois estimulam a pesquisa e possibilitam diminuir a solidão dos pesquisadores. Sempre envio projetos, artigos e resenhas ao *Hermeneia*, e já pude fazer um comunicado sobre poesia eletrônica no *Estudos da Poética*.

Sempre que posso, participo direta e indiretamente de congressos nacionais e internacionais, como:

Perspectiva histórica da poesia eletrônica, *Simpósio Acta Media III - Artemídia e Cultura Digital*, no MAC USP, São Paulo, em nov. 2004

Produções Poéticas com o(s) Computador(es) no *III Simpósio Cibercultura: Derivas no Ciberespaço*, Centro Universitário Senac São Paulo em out. 2004

Cristais-textos-em-ações, *I Congresso Internacional Todas as Letras - Língua e Literatura*, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, em out. 2001

A tradução intersemiótica no meio digital, V Congresso Brasileiro de Semiótica, SP, set. 2001;

Interpoetry: a game of words, images and sounds as a poetic sign in digital media - COSIGN 2001 - 1st International Conference on Computational Semiotics in Games and New Media, em Amsterdam, Holanda, 10 set. 2001: www.kinonet.com/conferences/cosign2001/program.html

Sempre que posso, crio alguma poesia eletrônica e colaboro em publicações como:

Almost lost in São Paulo, poesia hipertextual, *Cortex Revista de Poesia Digital*, SP, nov. 2003, nº 1, CD-ROM

4to. Encuentro Internacional de Poesía Visual, Sonora y Experimental, do grupo Vortice Argentina, Buenos Aires, Argentina, 26 out. 2001: www.poesiavisual.com.ar/2001/participantes.htm.

RS - NO SEU LIVRO ANTERIOR, SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS, JÁ SE ENCONTRAM TRAÇOS DA SUA PESQUISA POSTERIOR?

JLA - Se partirmos do conceito de poesia-ciência, é possível. Não pude perceber isso antes de iniciar outros estudos. Em Cesário Verde, isso está claramente apresentado. Em Augusto, ainda não. Há uma procura de estudo das novas linguagens poéticas, mas naquele tempo eu ainda não tinha um conhecimento sobre a infopoesia, o que ocorreu em 1997. Esse livro foi escrito em 1996 e, depois, revisado em 2004.

RS - E NO SEU ESTUDO SOBRE O POETA PORTUGUÊS CESÁRIO VERDE?

JLA – Há uma clara referência à poesia eletrônica e muitos exemplos de infopoesia em *Cores, forma, luz, movimento: a poesia de Cesário Verde*, pois foi elaborado após 1997, quando fiz o Curso de Infopoesia, e foi concluído em 1999, quando eu já havia decidido estudar a poesia eletrônica no doutorado.

RS - FALE-ME UM POUCO SOBRE A SUA PÁGINA QUE MAPEIA ARTE E POESIA DIGITAIS BRASILEIRAS

JLA - Em novembro de 2000, quando entrei em contato com o Jim Andrews, do Canadá, após acessar o “Vispo.com”, fui convidado a fazer parte do grupo eletrônico Webartery. Para falar de arte e poesia digitais brasileiras, organizei uma lista de endereços eletrônicos, que foi para a página de convidados do Jim: Brazilian Digital Poetry and Art on the Web. Victoria, Canadá, nov. 2000. Disponível em: www.vispo.com/misc/BrazilianDigitalPoetry.htm.

Essa página foi se tornando útil e conhecida rapidamente, que passei a desenvolvê-la continuamente até a presente data.

RS - QUE OUTROS TRABALHOS ESCRITOS VOCÊ. JULGA IMPORTANTE? POR QUÊ?

JLA - Publiquei, em edições limitadas e em antologias, peças teatrais, contos e poesia. Também colaborei em jornais. Desse material, alguma coisa poderia ser aproveitada. Tenho intenção de rever a minha poesia verbal, fazer uma revisão e publicá-la. Há um material sobre os aspectos históricos e artísticos da cidade de Itu que pretendo reunir e publicar algum dia.

De todo esse período de exercício, *Almeida Júnior através dos tempos* (São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Itu, SP: Prefeitura da Estância Turística de Itu, 1983, 126p.) foi o melhor resultado de um tipo de estudo de que gosto bastante, o estudo monográfico. Tenho material coletado para melhorar muito esse livro num futuro próximo.

ago. / set. 2005